

## PERCORRENDO A TERRA DOS EXCLUÍDOS CAMPO LEXICAL DAS PROFISSÕES

Dagmar Santana de Jesus (UNEB)  
[dagmarsantana@gmail.com](mailto:dagmarsantana@gmail.com)

### 1. Introdução

Ler Jorge Amado é desvelar toda uma sociedade, resgatando na sua fala, o grito dos vencidos, os mandos e desmandos dos coronéis, a luta pela vida, as marcas da ancestralidade, através da religiosidade, regionalismo e empréstimos linguísticos.

Com toda a sua simplicidade, dizia que só era escritor quando estava escrevendo porque adorava viver a vida ardentemente. Jorge Amado nasceu na fazenda Auricídia, no distrito de Ferradas, município de Itabuna, em 10 de agosto de 1912. Grapiúna da região cacauzeira, ele passou a infância em Ilhéus, cidade extremamente ligada à sua vida, assim como o sul da Bahia. Tendo na saga contada em Terras do Sem Fim, o início da fazenda do seu pai e de tantos outros que desbravaram a mata e lutaram por um pedaço de terra.

Há uma estreita relação entre a vida e a obra do autor, que foi um dos doze obás da Bahia. Tinha amizade com o mestre capoeirista Pastinha, o pai de santo Procópio, Joãozinho da Gomeia, Menininha do Gantois, entre tantos outros representantes da “cultura mestiça” e da “cultura clássica”. Fez parte do Partido Comunista (PC), foi deputado na Assembleia Constituinte, ex-exilado, ex-presos político, foi membro da Academia Brasileira de Letras, além de ter sido lembrado várias vezes para o Prêmio Nobel. Tem sua vida marcada pelas tocaias, desbravamento de terras, lutas envolvendo o cacau, nascimento e desenvolvimento de cidades, fugas, convívio com a consciência social e racial.

Em *Tocaia Grande: A Face Obscura*, as narrativas contemplam a construção do “eu” dos excluídos (bandidos, retirantes nordestinos, escravos e raparigas). Os personagens acompanham o nascimento de Iri-sópolis, cidade fictícia, fonte dos sete pecados capitais (gula, cobiça, inveja, ira, luxúria, preguiça e vaidade). A terra foi delimitada pelo Capitão Natário da Fonseca para ser uma cidade, após tocaia dos inimigos políticos do Coronel Boaventura. Assim como em Canudos, a luta pela terra é questão de sobrevivência, conquista social, busca por justiça e igualdade. Apresentando a formação de uma sociedade e o seu extermínio.

Há uma desmitificação de construções identitárias que giram em torno dos excluídos. Nele, os coronéis não têm fala significativa, servindo apenas como figura de esteio. Os excluídos, personagens principais, são figuras fortes e representam uma maioria desprivilegiada como tropeiros, jagunços, raparigas, pedreiros, ferreiros, além de tantos outros que representam os vencidos.

Como todo povo traz em seu acervo vocabular traços que revelam sua forma de pensar e agir, é possível, a partir do estudo lexical, resgatar esse legado, fazendo um mergulho na história cultural da humanidade, desvelando suas ideologias, crenças e manifestações linguísticas. Segundo Abbade (2009, p. 88), “a noção de campo nos estudos linguísticos, trouxe uma grande revolução no estudo da semântica moderna. A teoria do campo lexical vai opor, desde o início dos seus estudos, se à teoria do campo linguístico”.

Com isso, pode-se perceber que a *lexia* precisa ser vista no todo, observando a sua relação com as vizinhas conceituais. O homem recorre à nomeação e suas escolhas lexicais expressam o comportamento social, histórico, cultural e linguístico, revelando sua identidade cultural. Delimitar o significado de uma *lexia*, sem observar o contexto em que é usada, se torna uma compreensão tortuosa de ver o mundo.

Para Coseriu (1977), *lexia* é uma palavra carregada de significação social, sendo externa e referencial. Ela é fruto das relações do indivíduo com o outro e com o mundo. Nessa relação, o léxico é a relíquia que deslumbra os olhos dos pesquisadores, pois, a partir dele, é possível desenvolver o mapa genético da identidade cultural desse povo.

Para Bechara (2009, p. 387), “campo léxico é uma estrutura paradigmática constituída por unidades léxicas que se repartem numa zona de significação comum e que encontram oposição imediata umas com as outras”. Observa-se então, que as *lexias* não podem ser analisadas sem um confronto com as suas vizinhas, já que fazem parte de um todo.

É feito um mergulho no regionalismo e construção do “eu” dos excluídos, observando *lexias* que compõem uma pequena parte do acervo vocabular da região cacaueira. Com esse estudo na perspectiva da linguística diacrônica estrutural, há uma visão de conjunto com muito mais coerência do que a simples organização alfabética das *lexias*. Possibilitando assim, descobertas sobre a região cacaueira, conhecendo as crenças, as ideologias, e o contexto histórico, mostrando a identidade dos excluídos.

O trabalho seja braçal ou gerencial faz do homem um sujeito ativo da sociedade. Através do trabalho, o homem busca o seu lugar no tempo e espaço. Na Bahia, principalmente na região cacauzeira, várias profissões começaram a se destacar devido às necessidades dos fazendeiros tanto para o cuidado da terra e dos animais quanto para execução de serviços como segurança, tocaias e gerência de outros trabalhadores. Com tantos personagens que desempenham funções tão diferenciadas, características da região cacauzeira, o campo lexical profissões é levantado, tomando como base a teoria dos campos lexicais.

Muitos são os campos lexicais em análise em *Tocaia Grande: A Face Obscura*, de Jorge Amado, como por exemplo: os signos africanos, os objetos, a terra, os sete pecados capitais, a alimentação, estrangeirismos, palavras indígenas e pratos típicos que a obra oferece. Ainda é cedo para quantificar as lexias devido à riqueza em regionalismos, empréstimos linguísticos, estrangeirismos, e principalmente, a presença do legado africano.

As lexias encontradas estão com seus conceitos à época e a grafia que foram utilizadas no período. Elas foram organizadas de acordo com o aparecimento no *corpus* e não de forma alfabética, pois, a lexia é uma unidade significativa e precisa ser analisada no contexto, já que uma lexia depende das suas vizinhas conceituais, como coloca Abbade (2003, p. 27).

O macrocampo das profissões e seus respectivos microcampos (*trabalhador armado* e *trabalhador desarmado*) são apresentados aqui, a partir da teoria dos campos lexicais proposta por Eugênio Coseriu (1977), uma amostragem da possibilidade real de se fazer um estudo estrutural da língua na perspectiva da linguística diacrônica estrutural, oferecendo uma visão de conjunto com muito mais coerência do que a simples organização alfabética das lexias. É apresentada aqui uma parcela das profissões dos “excluídos”.

## 2. *Trabalhador armado*

**CABRA** – s. m. Indivíduo forte, valente; contratado para fazer a segurança pessoal ou da propriedade do patrão; referente a capanga, jagunço.

“[...] basta uma árvore bem situada e um **cabra** bom na mira.” (p. 22)

“Enquanto isso, os **cabras** do coronel Boaventura Andrade desceram pela estrada real.” (p. 25)

“Não ficara um **cabra** sequer para contar a história.” (p. 20)

“O garoto apegou-se ao jovem **capanga** [...]” (p. 29)

**CAPANGA** – s. m. Homem de confiança, geralmente contratado como segurança, geralmente armado;=CACETEIRO, JAGUNÇO.

“[...] o coronel Elias Dalto apareceu cavalcando à frente de alguns poucos **capangas**.” (p. 19)

“Natário ascendera àquelas alturas: **capanga**, capataz, chefe de jagunço [...]” (p. 20)

**CAPATAZ** – s. m. Indivíduo que chefia grupo de trabalhadores.

“Coronéis e **capatazes**, jagunços e alugados viviam de olhos voltados para os céus [...]” (p. 73)

“[...] Coroca dava-se ares de mulher de **capataz**, de amásia de fazendeiro.” (p. 73)

“A maioria acomodou-se nas fazendas, chefes de turma de alugados, capangas de confiança, **capatazes**.” (p. 162)

**JAGUNÇO** – s. m. Criminoso foragido ou qualquer homem violento contratado como guarda costa por indivíduo influente.

“[...] mandou buscar jagunço até em Alagoas.” (p. 21)

“[...] do recrutamento de **jagunços**, alguns vindos de longe, escolhidos a dedo [...]” (p. 22)

“**Jagunços** pagos para combater, não eram confidentes nem comandantes [...]” (p. 25)

“Não escapou nenhum dos **jagunços** do coronel Elias [...]” (p. 27)

**PAU-MANDADO** – s. m. Indivíduo que cumpre ordens.

“[...] enriquecer sem necessidade de se tomar sócio menor, **pau-mandado** de riqueza [...]” (p. 137)

“Misael se afastou seguido pelos **paus-mandados**.” (p. 215)

“tenha dó de um pobre **pau-mandado**.” (p. 474)

### 3. *Trabalhador desarmado*

**ALUGADO** – s. m. Trabalhador que se aluga para vários tipos de trabalho.

“Os **alugados** vinham das roças que começavam a ser plantadas [...]” (p. 86)

“[...] Turco Fadul as recolheu em casa de **alugados**, nas varandas dos coronéis [...]” (p. 44)

“Atribuíram-lhe o título não apenas cabras e **alugados** [...]” (p. 30)

“[...] na voz dos **alugados** que enxergavam nele a providência divina.” (p. 37)

**BODEGUEIRO** – s. m. Proprietário ou empregado de bodega (onde vende de cachaça); taberneiro.

“Antes que o **bodegueiro** pudesse contestar ou reagir [...]” (p. 93)

“O **bodegueiro** riu seu grosso riso satisfeito enquanto servia a aguardente [...]” (p. 112)

**BOIADEIRO** – s. m. Guardador e/ou tocador de boiada; vaqueiro.

“Dentro do barracão, os cabras e os **boiadeiros** montavam guarda, armas em punho.” (p. 165)

“[...] as três recusaram em unísono as ofertas do apatacado **boiadeiro** [...]” (p. 216)

**CARPINA** – s. m. Artesão que trabalha com madeira; referente a carpinteiro.

“Aliás, Lupiscínio, o **carpina**, viera de Taquaras [...]” (p. 50)

“Fadul colocou o **carpina** de sobreaviso.” (p. 94)

**CARPINTEIRO** – s. m. Artesão que trabalha com madeira.

“[...] O **carpinteiro**, não sendo entendedor [...]” (p. 92)

“Carradas de razão tinha Coroca, refletiu o **carpinteiro** [...]” (p. 181)

**COMBORÇA** – s. f. Aquela que é amante de um homem, em relação à mulher.

“Nos cabarés, os fazendeiros espocavam champanha, presenteavam as **comborças** com anéis de brilhantes.” (p. 349)

“[...] em alturas não atingidas por raparigas, mancebas, amásias, **comborças**, putada reles.” (p. 462)

**CRiado** - s. m. Pessoa que presta serviços domésticos em casa e/ou propriedade.

“Castor sentia-se pouco à vontade na librê de mucamo, de **criado** de servir [...]” (p. 58)

“[...] Príncipe de Ébano, **criado** de luxo [...]” (p. 61)

“Serviçal, mero **criado** doméstico mesmo quando fornicava a Senhora Baronesa [...]” (p. 180)

**Ferreiro** – s. m. operário que trabalha o ferro ou em obras de ferro

“[...] na oficina do **ferreiro**, chamando a atenção de Madame la Baronne [...]” (p. 59)

“[...] **ferreiro** de dedos ágeis e engenhosos no trato dos metais.” (p. 68)

“[...] me chamam de Tição por ser **ferreiro**.” (p. 68)

**LAVRADOR** – s. m. Quem cuida da própria terra ou de outrem.

“Dois velhos **lavradores** escorraçados das suas plantações [...]” (239)

“Aos domingos pela manhã os **lavradores** expunham em frente [...]” (p. 249)

**MASCATE** – s. m. Vendedor ambulante de fazenda.

“[...] **mascate** não conhece domingo ou dia santo.” (p. 38)

“O **mascate** deixara com Bastião da Rosa algum dinheiro [...]” (p. 22)

**MATEIRO** – s. m. Trabalhador encarregado de zelar pelas matas ou floresta.

“[...] trabalhadores das roças mais próximas – **mateiros** e alugados [...]” (p. 45)

“O galpão erguido no descampado atraía putas, alugados e **mateiros**.” (p. 86)

**MULHER DA VIDA** – s. f. Meretriz; mulher que exerce a prostituição. = RAMEIRA.

“Onde já se viu **mulher da vida** ter vontade, horário de trabalho, dia de descanso?” (p. 239)

“Nenhum rabo-de-saia, fosse Zezinha, **mulher da vida**, xodó de rua de canto [...]” (p. 83)

“[...] tendo por intérprete e emissária Zezinha do Butiá, **mulher da vida**.” (p. 154)

“Viera como **mulher da vida**, queria que ele se desse conta [...]” (p. 207)

**MULHER- DAMA** – s. f. Meretriz; mulher que exerce a prostituição; RAMEIRA.

“[...] assistiu à chegada da primeira **mulher-dama**, Jacinta [...]” (p. 48)

“[...] dono de loja, doido por ela, pra ir fazer a vida em casa de **mulher-dama**.” (p. 84)

“— Até parece que estão matando alguém. — Comentou a **mulher-dama**.” (p. 66)

**PAU PARA TODA OBRA** – s. m. Indivíduo que faz de tudo.

“[...] capanga, capataz, chefe de jagunço, homem de confiança, **pau para toda obra**.” (p. 20)

“Na falta de padre, Fadul Abdala, **pau para toda obra**, encomendou o corpo com unção e piedade [...]” (p. 296)

**PEDREIRO** – s. m. Operário que trabalha em obras com pedra, cimento e cal.

“Boas notícias para os carpinas e os **pedreiros** [...]” (p. 206)

“[...] Bastião da Rosa, **pedreiro**, afreguesado, cidadão de boa aparência [...]” (p. 280)

**PUTA** – s. f. Meretriz; mulher que exerce a prostituição; RAMEIRA. Mulher que se prostitui. = MERETRIZ, PROSTITUTA.

“[...] nos entrepostos, nos povoados, nas cidades encontrava o calor das **putas**.” (p. 64)

“[...] um correr de casas com uma **puta** e uma bodega de cachaça.” (p. 75)

“Se chamava Valdelice, era um pancadão e gostava de ser **puta**.” (p. 84)

**RAMEIRA** – s. f. Meretriz; mulher que ganha a vida com o ato sexual; mulher que assiste aos partos.

“Escafederam-se as **rameiras** de Tocaia Grande, todas: não sobrara sequer a maluqueta.” (p. 106)

“[...] mas dá a ser vizinha de **rameiras** ia uma distância grande [...]” (p. 181)

**RAPARIGA** – s. f. Meretriz; mulher que exerce a prostituição.

“A primeira **rapariga** que Venturinha cobriu foi trazida por Natário.” (p. 29)

“[...] ao ver Fadul rodeado de **raparigas** no cabaré.” (p. 40)

“**Raparigas** faziam avida, não faltava freguesia [...].” (p. 45)

**RASPA-TÁBUAS** – s. m. Ajudante de carpinteiro responsável pela limpeza da tábuas.

“[...] pedreiros e ajudantes, carpinas e **raspa-tábuas**.” (p. 180)

“Tição adiantou-se com o **raspa-tábuas** para avaliar o estrago.” (p. 375)

**TANGERINO** – s. m. Tangedor de animais; tocador de animais.

“[...] tratava-se de iníqua imposição dos **tangerinos**.” (p. 216)

“O boiadeiro e o **tangerino** se avacalharam [...].” (p. 222)

**TRABALHADOR** – s. m. Indivíduo que trabalha de enxada.

“[...] à frente dos **trabalhadores** na limpa de um resto de mata por desbravar.” (p. 47)

“O capitão estava presente quando os **trabalhadores** enviados pelo coronel Robustiano [...].” (p. 48)

**TROPEIRO** – s. m. Condutor de tropas.

“[...] nas encruzilhadas das fazendas, ao passo das tropas e **tropeiros**.” (p. 39)

“Um dia um **tropeiro** de suas relações [...].” (p. 45)

“[...] na expectativa dos **tropeiros** cada vez mais numerosos pois Tocaia Grande se tornara ponto de pernoite muito concorrido.” (p. 48)

“[...] **tropeiros** e trabalhadores despertaram, puseram-se de pé [...].” (p. 65)

#### 4. Considerações finais

Utilizando como *corpus Tocaia Grande: A Face Obscura*, de Jorge Amado, obra que contempla os “excluídos”, personagens que desenvolvem papel central na construção de uma identidade multicultural, foi feita uma análise léxico-semântica no regionalismo e na construção do “eu” desse povo. Cada povo traz em sua bagagem vocabular a forma como lida com o mundo. Como exemplo, o campo lexical das profissões na obra *Tocaia Grande: a face obscura*, de Jorge Amado, nos leva a conhecer uma pequena parte da estruturação do vocabulário relativo à região cacauieira, na Bahia. Para isso, tornou-se fundamental tomar como base de sustentação do trabalho, a teoria dos campos lexicais e semânticos de Eugênio Coseriu (1987), além dos estudos propostos por Stephen Ullmann (1970), Mario Vilela (1994), Celina Abbade (2009).

A estruturação das profissões se deu a partir da teoria dos campos lexicais, partindo-se da particularidade dentro de uma coletividade. Dessa forma, o campo lexical das profissões parte de uma cultura do cacau, tão comum na região, além do coronelismo. Em todo o *corpus* há marcas regionais que são características do Nordeste do Brasil, retratando o povo trabalhador que lida com as dificuldades econômicas e sociais impostas pela sociedade. Fazendo o estudo funcional desse léxico que retrata o desbravamento da terra, produção do cacau (ouro em pó, no período), a luta por um pedaço de terra e instinto de sobrevivência dos excluídos, caracterizados aqui pelas suas profissões, foi possível oferecer uma visão de conjunto e, não simplesmente, uma organização alfabética.

Desse modo, é possível uma infinidade de descobertas sobre a sociedade, conhecendo-se sua língua, crenças, ideologias e contexto histórico, mostrando assim sua identidade através de um estudo a partir de uma estruturação das lexias levantadas em campos lexicais. Esse estudo contribuirá nos estudos linguísticos da região, além de resgatar uma pequena parte do vocabulário desse povo, trazendo seu modo de pensar e agir.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. O estudo do léxico. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de; SANTOS, Rosa Borges dos (Orgs.). *Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador: Quarteto, 2006, p. 213-225.

ABBADE, Celina Márcia de Souza. *Um estudo lexical do primeiro manuscrito da culinária portuguesa medieval: o livro de cozinha da Infanta D. Maria*. Salvador: Quarteto, 2009.

AMADO, Jorge. *Tocaia grande: a face obscura*. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

AMADO, Jorge. *Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios*, por Álvaro Cardoso Gomes. São Paulo: Abril Educação, 1981.

BECHARA, Evanildo. Estudo estrutural do léxico: a lexemática. In: \_\_\_\_\_. *Módulo gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BIDERMAN, Maria Tereza. A estrutura mental do léxico. In: *Estudos de Filologia e Linguística*. Homenagem a Isaac Nicolau Salum. São Paulo: T.A. Queiroz / Edusp, 1981, p. 131-145.

COSERIU, Eugenio. *Gramática, semântica, universales estudios de la lingüística funcional*. 2. ed. rev. Madrid: Gredos, 1987.

COSERIU, Eugenio. *Princípios de semântica estrutural*. 2. ed. Vers. esp. de Marcos Martínez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1986.

FERREIRA, Aurélio B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, 1975.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ULMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Trad. de J. A. Osorio Mateus. 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1970.

VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.